



## CONFIGURAÇÕES DO AGRONEGÓCIO DO CAFÉ NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA/BAHIA: TRANSFORMAÇÕES NA DINÂMICA DA AGRICULTURA CAMPONESA

Nádia de Sousa Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

A pesquisa aborda as territorialidades da agricultura camponesa em face das dinâmicas da produção da cafeicultura no município de Encruzilhada – Bahia. O estudo tem o propósito de aprofundar o debate e evidenciar as transformações ocorridas na organização produtiva e nos territórios de vida e trabalho da agricultura camponesa do município de Encruzilhada – Bahia. Além da problemática do uso intensivo dos agrotóxicos nas lavouras cafeeiras, busca-se retratar como a inserção da produção do café, aliada ao uso de novas tecnologias, influenciaram no processo da perda da identidade territorial e alimentar dos agricultores camponeses com a redução dos cultivos tradicionais e diversas práticas culturais camponesas. Nesse viés, a pesquisa busca refletir sobre o monocultivo do café, imposição da produção de *commodities* do agronegócio, tem transformado os territórios de vida e trabalho dos agricultores camponeses desse município.

**Palavras-chave:** Questão Agrária, Território, Territorialidades, Trabalho, Agricultores camponeses.

### ABSTRACT:

The research addresses the territorialities of peasant agriculture in light of the dynamics of coffee production in the municipality of Encruzilhada – Bahia. The study is intended to deepen the debate and highlight the transformations that have taken place in the productive organization and in the territories of life and work of peasant agriculture in the municipality of Encruzilhada – Bahia. In addition to the problem of the intensive use of pesticides in coffee plantations, we seek to portray how the insertion of coffee production, combined with the use of new technologies, influenced the process of loss of territorial and food identity of peasant farmers with the reduction of traditional crops and diverse peasant cultural practices. In this perspective, the research seeks to reflect on the monoculture of coffee, the imposition of the production of agribusiness commodities, it has transformed the living and working territories of the peasant farmers in that municipality.

**Key-words:** Agrarian Question, Territory, Territorialities, Work, Peasant farmers.

<sup>1</sup> N. S. S. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sociambientais (PPGeo/IESA), Universidade Federal de Goiás/UFG. [naddyasousa@hotmail.com](mailto:naddyasousa@hotmail.com)



## INTRODUÇÃO

O município de Encruzilhada se localiza no Estado da Bahia, integra o território de Identidade do Sudoeste Baiano, sua população segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de aproximadamente 23.766 habitantes (2010), com estimativa de 16.446 pessoas no ano de 2020, essa redução no total de habitantes é explicada pela saída de várias pessoas, inclusive, muitos jovens para estudarem e/ou em busca de vagas de emprego nas cidades de Vitória da Conquista, São Paulo entre outras cidades.

A pesquisa apresentada aponta como objetivo principal analisar as territorialidades da agricultura camponesa em face das dinâmicas da produção da cafeicultura no município de Encruzilhada/Bahia, partindo da compreensão de que o monocultivo do café, imposição da produção de *commodities* do agronegócio, tem transformado os territórios de vida e trabalho dos agricultores camponeses desse município.

A opção por pesquisar as territorialidades da agricultura camponesa, sob a lógica imposta pelo agronegócio, no município em questão foi motivada por diversas inquietações, principalmente nos momentos em que foram realizadas as pesquisas de campo durante o Mestrado ouvia-se, os sujeitos sociais entrevistados ressaltarem em suas falas a respeito de como o monocultivo do café, associado a essa lógica do agronegócio, tem ganhado nova configuração no município de Encruzilhada/Bahia. Partindo desse pressuposto, a pesquisa se propõe a descortinar as atividades que estão enraizadas nos modos de vida dos grupos familiares nesse espaço rural, nos quais os saberes e fazeres foram transmitidos por gerações.

Com o processo de modernização intensificado pela territorialização da agricultura brasileira, ocorreu uma acentuação das desigualdades espaciais no campo brasileiro, com desdobramentos espaciais diversos no Estado da Bahia, articulado à conjuntura mundial de produção das *commodities*. No município de Encruzilhada a inserção da cafeicultura foi um processo que se iniciou a partir da década de 1970 e, atualmente, a produção de café é considerada o principal produto da economia desse município e se torna um dos principais produtos do agronegócio, consolidado pela modernização da agricultura.



O agronegócio tem provocado rupturas na organização produtiva e nos territórios de vida e trabalho dos homens e mulheres desses espaços rurais, que produzem comida, e tem suas Existências, pautadas nos cultivos diversos (policultivos), na comercialização local de alimentos, como mandioca, milho, arroz, feijão, hortifrutigranjeiros, no exercício do trabalho e práticas socioculturais, fundantes para a condição e permanência e reprodução de sujeitos sociais da terra.

O processo de apropriação do espaço e a produção dos territórios por meio do avanço do agronegócio do café, promovem disputas territoriais entre formas de compreensão da Natureza e os usos decorrentes da terra, da água e dos sentidos da produção agrícola. Essa conflitualidade toma dimensão espacial, ou seja, tem-se as territorialidades presentificadas nas relações dos grupos familiares que são anteriores à implementação e a viabilização de tecnologias e implementos agrícolas do agronegócio do café, que provocam efeitos territoriais na organização produtiva da agricultura familiar camponesa.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa apresentada é um recorte da tese e sua abordagem está ancorada numa análise crítica qualitativa e quantitativa. *A priori*, realizou-se um levantamento bibliográfico, com base em diversas fontes que abordam a temática relacionada à pesquisa. Dessa forma, os resultados são preliminares, embora, parcela das informações e dados que já haviam sido coletados e analisados durante a pesquisa de Mestrado.

Contudo, baseando-se em trabalho de campo, evidências empíricas, dados institucionais, confirmam-se as contradições existentes. O trabalho de campo realizou-se por meio do registro fotográfico – para vivenciar a colheita do café –, e conversas informais com os sujeitos sociais, numa das empresas rurais que produzem café em larga escala, produto para exportação, no Município de Encruzilhada. Após esse procedimento foram realizadas as análises dos resultados obtidos e por fim as considerações que permeiam as experiências e vivências dos sujeitos sociais envolvidos na dinâmica produtiva do agronegócio do café e seus efeitos territoriais na área da pesquisa.



## REFERENCIAL TEÓRICO

Compreende-se que a dinâmica territorial que assume a questão agrária, além de ser importante para a ampliação do conhecimento sobre a realidade geográfica, mostra-se oportuna no cenário atual em que as mazelas sociais e ambientais se intensificam com o avanço do agronegócio, que compromete sobremaneira, a reprodução social dos agricultores familiares camponeses.

De acordo com Oliveira, “[...] compreender a questão agrária sob o modo capitalista de produção sempre foi tarefa difícil e complicada. Não porque muitos autores não a tenham praticamente esgotada, mas porque os estudos mais trazem discordâncias do que convergência” (OLIVEIRA, 2007, p. 06). Nessa direção, os processos de modernização do território com a modernização da agricultura atingem os produtores familiares camponeses, sob diferentes formas, a depender da região e especificidades existentes que podem ou não facilitar ou dificultar a permanência na terra. Ao referir-se sobre a modernização da agricultura, Mendonça; Mesquista (2007, p.08) sinalizam que:

A modernização da agricultura foi um esforço conjunto do Estado e de grupos empresariais nacionais e internacionais para transformar “as terras improdutivas” [...] em celeiros agrícolas do país, mediante a utilização de fartos créditos, de subsídios para a importação de insumos e implementos agrícolas e da adoção de novas tecnologias. A ideia era transformar as áreas ocupadas pelos proprietários rurais tradicionais, trabalhadores/camponeses em áreas modernas.

Conforme compreende Oliveira (2007) com o passar dos anos a expansão e a inserção dessas inovações técnicas, no meio rural dão forma e conteúdo a modernização da agricultura. A finalidade é aumentar a produção, no caso desta pesquisa, produção cafeeira por meio da mecanização, utilizando o uso de diversos agrotóxicos, máquinas e implementos agrícolas de alta tecnologia que, em algumas lavouras, substituíram e substituem a mão de obra, reduzindo a demanda de trabalho e ampliando o desemprego no campo.

Além disso, esses grupos proprietários das lavouras cafeeiras têm expandido o cultivo arrendado ou adquirido dos pequenos e médios agricultores (parcela significativa de camponeses), concentrando mais terras, aumentando o poder político e



promovendo a desterritorialização dos trabalhadores, agora sem terras e sem trabalho. Nesse direcionamento, Mendonça (2004, p.45) afirma que:

[...] aos trabalhadores da terra, desterritorializados, pensa-se não apenas na perda das condições de sobrevivência, a exclusão do acesso a terra, mas na destruição das ações simbólicas e culturais fundamentais para manter a coesão, e as sociabilidades que, construídas historicamente, expressam diversas formas de manifestação sócio-cultural daqueles que estão umbilicalmente vinculados à terra.

Esses sujeitos sociais, historicamente partes destes territórios, tem seu convívio, suas relações de produção e trabalho, bruscamente, alteradas com a perda da terra e/ou das condições de se manterem na terra.

É essencial pensar o território como um *constructo* social, repleto de sentidos, perspectivas e contradições, que afloram ao longo do processo histórico, no ir e vir de temporalidades distintas. O território torna-se assim, condição *sine qua non* para os processos de (re)produção social da vida humana em sociedade, frente as tensões oriundas dos tensionamentos e contradições do modo de produção capitalista. Na compreensão de Haesbaert o território

[...] tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca (HAESBAERT, 2004, p.1).

Os territórios são também fortemente marcados por elementos simbólicos e é assim que se pode afirmar que não existe compreensão dos processos de configuração territoriais sem o aporte de imagens que alimentam as novas configurações materializadas no espaço. Fernandes, por sua vez, assevera que o território é concebido como *locus* de reprodução das relações sociais, tendo em vista que

Na essencialidade do conceito de território estão seus principais atributos: totalidade, multidimensionalidade, escalaridade e soberania. Portanto, é impossível compreender o conceito de território sem conceber as relações de poder que determinam a soberania. (...) Quando nos referimos ao território como propriedade particular individual ou comunitária, o sentido político da soberania pode ser explicitado pela autonomia de seus proprietários na tomada de



decisões a respeito do desenvolvimento desses territórios.  
(FERNANDES, 2008, p.5)

Pelo território perfilam múltiplos sentidos e significados que transitam nas manifestações culturais, sociais, econômicas, históricas e políticas. Territórios e territorialidades que têm múltiplos significados e que estabelecem relações sociais no cotidiano desses municípios.

Desse modo, ao pensar as territorialidades, considera-se que estas são instituídas por processos complexos, que se vinculam as relações de poder, afetividade, simbologias, e pertencimento dos sujeitos, por meio das práticas que ocorrem no cotidiano e está relacionado com o território. Haesbaert apresenta a definição de territorialidade como “[...] qualidade indispensável para ser ou para se fazer território” (HAESBAERT, 2007, p.112).

O autor aborda que os territórios podem ser compreendidos como espaços de reconhecimento, onde se dá a construção do processo de identificação pertinente a espaço e aos grupos sociais que o produzem, por meio das territorialidades. Assim, o território é dotado de diversas significações e ressignificações humanas, pois estas dimensões são indissociáveis da vida.

Torna-se necessário o debate acerca de território e territorialidade a mera definição de autoridade e centralidade, reduzindo o seu entendimento às reflexões a cunho meramente econômico. É evidente que a reflexão sobre a multidimensionalidade do território assume nuances mais amplas e complexas, sem negar a importância que esta dimensão assume na compreensão dos processos e das relações que lhe são intrínsecas. Souza aponta que o território é,

[...] em primeiríssimo lugar, o poder – e, nesse sentido, a dimensão política é aquela que, antes de qualquer outra, lhe define o perfil. Isso não quer dizer, porém, que a cultura (o simbolismo, as teias de significados, as identidades...) e mesmo a economia (o trabalho, os processos de produção e circulação de bens) não sejam relevantes ou não estejam “contemplados” ao se lidar com o conceito (SOUZA, 2008, p. 59).

Sob tal prisma analítico, é imprescindível abordar as reflexões em torno do território, uma vez que este se constitui como o espaço de símbolos e significados, relações de troca de experiências imediata das relações humanas e *lócus* de reprodução social da vida. Pensar o território é entender as relações culturais, econômicas e sociais



de um determinado grupo social, assim, por meio dessas relações estabelecidas por esses sujeitos, é possível conhecer as territorialidades e significados que permeiam as suas experiências/vivências cotidianas nos espaços rurais.

De acordo com Fernandes (2008) a questão agrária é uma questão territorial, assim, a “[...] reforma agrária é uma política territorial que serve para minimizar a questão agrária”. Segundo este autor, a questão agrária é considerado um “problema estrutural do capitalismo”, que traz consigo inúmeras disparidades. Assim, os conflitos existentes na questão agrária se dão por meio das relações de desigualdades, expropriação, exclusão causadas pelo capital (FERNANDES, 2008, p. 74). A questão agrária é uma leitura complexa, e envolve uma série de debates que podem ser abordadas sob distintos aspectos, mas, sobretudo, à produção de alimentos.

Compreende-se que a dinâmica que assume a questão agrária, além de ser importante para a ampliação do conhecimento sobre a realidade, mostra-se extremamente oportuna no cenário atual onde as mazelas sociais se intensificam com o avanço do agronegócio, comprometendo a (re)produção social dos agricultores familiares camponeses.

Enfim, a questão agrária está ou deveria estar na agenda política do Estado e de grande parte da sociedade brasileira. Todavia, percebe-se que a cada dia essa reflexão está mais distante, uma vez que, as poucas políticas públicas construídas a partir da luta coletiva dos sujeitos do campo e apoiadores estão se esvaindo com a destruição dessas políticas pelo governo brasileiro. A questão agrária necessita de leituras geográficas, pois envolve uma série de debates que podem ser abordadas sob distintos aspectos, mas, sobretudo, a partir da produção de alimentos saudáveis e que possam chegar aos brasileiros e brasileiras do campo e das cidades.

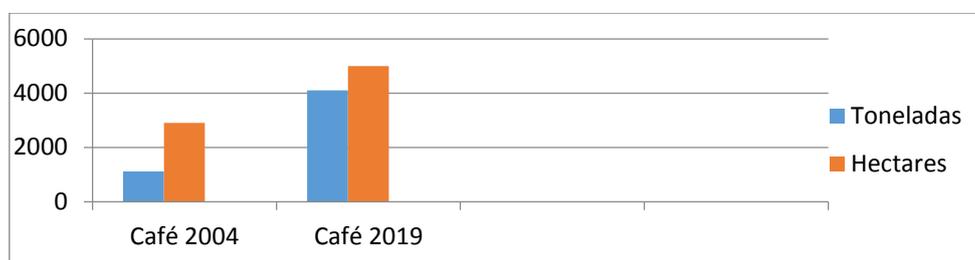
## **O AGRONEGÓCIO DO CAFÉ NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA/BAHIA**

A dinâmica da produção do café no município de Encruzilhada está associada à lógica subordinada do capital, frente a expansão do agronegócio na região. Contudo, evidenciam-se as territorialidades que são construídas pelos sujeitos sociais, por meio da produção e do cultivo dos alimentos tradicionais como estratégias e táticas de *(Re)Existências* e ressignificações do modo de vida e da manutenção e reprodução dos pequenos e médios grupos familiares camponeses que estão inseridos nesses territórios.



O Gráfico 01 evidencia o avanço da produção do café no município de Encruzilhada, que apresenta um aumento significativo, tanto em toneladas quanto em área ocupada, o que provocou uma redução nos cultivos de banana e mandioca, nesse território. Diante dessa prerrogativa, pode-se afirmar que a monocultura do café, por meio do agronegócio no município, passou a substituir essas culturas de alimentos tradicionais (banana, feijão, mandioca, milho) que, estão mostrados na Tabela 01. Os dados expostos no Gráfico 01 apresentam a produção do café em hectares e toneladas nos anos de 2004 e 2019, no município de Encruzilhada.

**Gráfico 01 - Produção do café em Encruzilhada/Bahia - 2004 e 2019**



Fonte: Censo Agropecuário, 2020. Elaborado: SILVA, N. S., 2020.

A Tabela 01 aponta a produção de demais cultivos em Encruzilhada. Mostra a quantidade produzida (toneladas) e a área colhida (hectares) nos anos de 2004 e 2019. Os dados apresentam milho, banana, feijão, mandioca como atividades desenvolvidas nesse território e de suma importância para a agricultura familiar camponesa desse município.

**Tabela 01 - Principais cultivos do município de Encruzilhada/BA - 2004 e 2019.**

Produtos	Quantidade produzida (toneladas)		Área Colhida (hectares)	
	Encruzilhada/BA		Encruzilhada/BA	
	2004	2019	2004	2019
Milho	110	24	220	120
Banana	7000	1800	700	300
Feijão	294	13	490	145
Mandioca	6000	2475	500	550

Fonte: Censo Agropecuário, 2020. Elaborado: SILVA, N. S., 2020.



Ao analisar os dados, nota-se uma diminuição da produção da banana e mandioca, tanto em quantidade produzida, quanto em área colhida. Enquanto isso, as culturas de milho e feijão apresentam crescimento na produção e área cultivada. Com relação ao cultivo de banana, milho, feijão e mandioca, no ano de 2019, observou-se uma grande redução na quantidade produzida bem como na área colhida, nessa direção os dados apresentados apontam uma redução significativa, tanto em hectares de área plantada quanto em toneladas, com uma ressalva para a quantidade de hectares da mandioca, que teve aumento bem baixo.

O milho é um cultivo de camponeses (alimentos diversos), pecuaristas (silagem) e grandes empresários rurais, fazendo rotação de culturas etc. Com base nos dados, mostrados no gráfico a partir do ano de 2004, o milho despontou como um cultivo importante produzido no município, porém em 2019, teve sua produção reduzida significativamente. O feijão também é considerado pelos camponeses um cultivo importante, no entanto teve sua produção reduzida. Todavia, esse cultivo está sendo produzido de forma irrigada (pivôs centrais) e aí está na lógica das empresas rurais.

Evidencia-se a busca da superação da crise alimentar, pois o Estado age de maneira submissa com relação ao agronegócio, uma vez que, prioriza o negócio de *commodities*. Conceição (2012) assinala que na atualidade o modelo do agronegócio tem cooperado no que tange a baixa qualidade da alimentação, isso se deve, principalmente pela ampliação da monocultura com o uso exagerado e cada vez maior de defensivos agrícolas.

Observa-se a presença significativa do trabalho feminino no agronegócio do café, conforme as Figuras 01 e 02. De acordo, com as conversas informais realizadas com essas mulheres que desenvolvam o seu trabalho nessas lavouras de café, evidenciou-se que, os gerentes dessas fazendas justificam a opção de escolha pelo trabalho feminino na colheita de grãos, pois consideram as mulheres mais cuidadosas, não quebrando os galhos e não arrancando as folhas dos pés de café. Assim, a fala do gerente da fazenda é enfática, quando ele ressalta que “os homens desenvolvem outras atividades como, por exemplo, manusear as máquinas, beneficiar e ensacar os grãos de café, dentre outros afazeres ali desempenhados que exigem muita força física, mesmo”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada em 18/06/2021, Encruzilhada (BA), com D.S.G., 42 anos.



**Figuras 01 e 02 – Mulheres camponesas colhendo café – Encruzilhada/Bahia.**



Fonte: Pesquisa de campo, SILVA, N. S., 2021.

Em acordo com as imagens retratadas, alicerçadas nas pesquisas de campo foi possível compreender que os sujeitos, principalmente as mulheres, donas de casa - durante o período em que não estão realizando outra atividade nas lavouras, envolvidos nessa dinâmica produtiva utilizam desse período da colheita (normalmente durante os meses de junho a agosto) em que exercem sua força de trabalho e mão de obra para a sua reprodução social.

O trabalho desempenhado frente a essa produção são horas de jornada expostos ao sol e a chuva em condições, extremamente, precárias. A partir do avanço do agronegócio do café, alguns elementos já podem ser notados como a redução da produção de alimentos, a ampliação da precarização do trabalho dos camponeses, a redução de hábitos alimentares, a redução de singularidades culturais. Evidentemente, essas discussões serão aprofundadas e vários desafios estão colocados com o intuito de desvelar as diversas paisagens produzidas pelos sujeitos do trabalho, mas, a maioria escondidas sob o manto sagrado do agronegócio do café.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo aborda uma reflexão sobre as territorialidades no contexto da agricultura camponesa em Encruzilhada – Bahia. Defende-se a tese de que apesar do predomínio do monocultivo do café no contexto do agronegócio local, são os grupos familiares e as comunidades que praticam a agricultura camponesa os responsáveis pela produção da comida de verdade, com referências culturais e identitárias, que sustentam



a soberania alimentar e em grande medida se opõe a produção do alimento-mercadoria, que integra a lógica predominante na realidade local.

As mulheres e homens do campo constroem em suas práticas cotidianas saberes e territorialidades que viabilizam o trabalho e a produção de alimentos na terra, lida como condição fundamental da existência e reprodução desses sujeitos sociais. Nesse sentido, a agricultura camponesa se apresenta como um aspecto significativo que evidencia a relação entre o território e o cotidiano, em que indicam a importância e a relevância do reconhecimento dessas práticas desenvolvidas por esse sujeitos por meio dos saberes e fazeres, bem como a compreensão dessas relações existentes nesse município.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Eduardo Mançano. **Entrando nos territórios do Território.**

Disponível em: [http://www4.fct.unesp.br/nera/artigodomes/3artigodomes\\_2008.pdf](http://www4.fct.unesp.br/nera/artigodomes/3artigodomes_2008.pdf).

Acesso em: 09 de Set. de 2020.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. A expansão do agronegócio no campo de Sergipe. **GEONORDESTE**, Ano XXII, n.2.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** Porto Alegre, Setembro de 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 30 de Dez. de 2017.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. et al (Orgs.) **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 43-71.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/encruzilhada/pesquisa/14/10193?ano=2004>. Acesso em: 15 mai. 2020.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano.** 2004. 457 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/102964>. Acesso em: 15 mai. 2021.



\_\_\_\_; MESQUITA, Helena Angélica de. **O agro-hidro-negócios no cerrado goiano: a construção das (re)sistências.** Anais...II ENCONTRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DE BARRAGENS – Salvador, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária.** São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em:  
[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Valeria/Pdf/Livro\\_ari.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/Livro_ari.pdf). Acesso em: 15 de Jul. de 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (Orgs.) **Os Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008. 368 p.